

Cícero, *Do orador* 1.122-159

Cicero, *On the orator* 1.122-159

Adriano Scatolin

Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo / Brasil
adrscatolin@gmail.com

Resumo: O passo traduzido (Cic. *de Orat.* 1.122-159) divide-se em três partes: o final do tratamento do valor do engenho e da natureza apta no orador (122-132); o tratamento da arte (134-146); o tratamento conferido ao treino e aos exercícios do orador (147-159).

Palavras-chave: Cícero; *Do orador*; retórica latina.

Abstract: The passage presented here in translation (Cic. *de Orat.* 1.122-159) is divided into three parts: the final remarks from the treatment of the value of *ingenium* and *natura* for the orator (122-132); the treatment of *ars* (134-146); the treatment of the orator's training and exercises (147-159).

Keywords: Cicero; *On the orator*; Latin rhetoric.

Recebido em 25 de novembro de 2015.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2016.

Nota introdutória

1. Do trecho selecionado

O texto que ora se apresenta, um recorte do livro I do *De oratore* de Cícero, é parte do projeto de publicação da tradução completa e anotada do diálogo ciceroniano, a que nos temos dedicado nos últimos anos.¹ O passo traduzido (1.122-159) divide-se em três partes:³ na primeira (122-132), encontramos o final do tratamento do valor do engenho e da natureza apta no orador;³ na segunda (134-146), temos o tratamento da arte, numa síntese da doutrina corrente dos manuais de retórica, que o personagem Crasso passa em revista; na terceira, enfim (147-159), lemos o tratamento conferido ao treino e aos exercícios do orador.

2. Da tradução

Na tradução, adotamos o decoro como critério norteador de nossos princípios. Assim, o que determinou nossas escolhas foi, antes de tudo, a adequação ao gênero em que o diálogo se insere, justamente o *sermo* (“conversa” ou “diálogo”). A partir disso, optamos por uma linguagem não elevada – bastante diversa da que estamos acostumados a ver, por exemplo, nas passagens mais patéticas da obra oratória do Arpinate –, embora não rasteira. Fizemos uso do “você(s)” em lugar dos pronomes de segunda pessoa, “tu” e “vós”, mais formais. Muitas vezes empregamos a locução do verbo “ser” seguido de gerúndio para traduzir o presente latino, em vez do simples presente em português. Não fugimos dos anacolutos, quando nos soavam possíveis e adequados em português. Usamos regências menos formais em determinados verbos. Essas e outras táticas (não temos pretensão de exaustividade, e desejamos, ao mesmo tempo, que o leitor possa descobrir por si só nosso *modus interpretandi*) foram empregadas num desejo de tornar o texto o mais natural possível dentro do gênero dialógico, que imita a conversa cotidiana, embora seja, naturalmente, mais elevado do que esta. Cabe ao leitor decidir sobre o êxito de nossos esforços.

[XXVII] Tum Antonius “saepe, ut dicis”, inquit, “animum aduerti, Crasse, et te et ceteros summos oratores, quamquam tibi par mea sententia nemo umquam fuit, in dicendi exordio permoueri; [123] cuius quidem rei cum causam quaererem, quidnam esset cur, ut in quoque oratore plurimum esset, ita maxime is pertimesceret, has causas inueniebam duas: unam quod intellegerent ii quos usus ac natura docuisset non numquam summis oratoribus non satis ex sententia euentum dicendi procedere; ita non iniuria, quotienscumque dicerent, id, quod aliquando posset accidere ne illo ipso tempore accideret <tempore> timere. [124] altera est haec, de qua queri saepe soleo: ceterarum homines artium spectati et probati, si quando aliquid minus bene fecerunt quam solent, aut noluisse aut ualetudine impediti non potuisse consequi id quod scirent, putantur – “noluit”, inquit, “hodie agere Roscius”, aut “crudior fuit” –, oratoris peccatum, si quod est animum aduersum, stultitiae peccatum uidetur. [125] stultitia autem excusationem non habet, quia certe nemo uidetur, aut quia crudus fuerit aut quod ita maluerit, stultus fuisse. quo etiam grauius iudicium in dicendo subimus. quotiens enim dicimus, totiens de nobis iudicatur; et, qui semel in gestu peccauit, non continuo existimatur nescire gestum; cuius autem in dicendo aliquid reprehensum est, aut aeterna in eo aut certe diuturna ualet opinio tarditatis.

[XXVIII] [126] illud uero, quod a te dictum est esse permulta, quae orator a natura nisi haberet, non multum a magistro adiuuaretur, ualde tibi adsentior inque eo uel maxime probaui summum illum doctorem, Alabandensem Apollonium, qui cum mercede doceret, tamen non patiebatur eos, quos iudicabat non posse oratores euaderet, operam apud sese perdere dimittebatque et ad quam quemque artem putabat esse aptum, ad eam impellere atque hortari solebat.

Tradução⁴

Disse então Antônio:

– Muitas vezes notei, Crasso, como observa,⁵ que tanto você como os demais grandes oradores (embora, em minha opinião, jamais tenha havido alguém como você), mostravam-se nervosos no exórdio de seus discursos. 123. Ao me perguntar a razão disso, sobre qual era o motivo de, quanto mais capaz um orador, maior ser o seu medo, encontrava estas duas causas: a primeira é que aqueles que aprenderam com a prática e a natureza percebem que, por vezes, mesmo no caso dos maiores oradores, o resultado do discurso não sai de acordo com o previsto. Desse modo, não sem motivo, temiam, sempre que discursavam, que acontecesse naquela exata <ocasião> o que podia acontecer a qualquer momento. 124. A segunda, de que costume me queixar com frequência, é que, nas demais artes, os homens considerados e estimados, se alguma vez não fizeram alguma coisa tão bem quanto de costume, considera-se que não o fizeram porque não queriam ou que, impedidos por problemas de saúde, não foram capazes de conseguir aquilo que sabem fazer. Dizem “hoje Róscio⁶ não estava com vontade de atuar” ou “estava sofrendo de indigestão”. O erro do orador, quando se nota algum, é visto como um erro causado pela estupidez, 125. e a estupidez não tem desculpa, porque não há dúvida de que ninguém parece ter sido estúpido por sofrer de indigestão ou por assim o preferir. Por isso, sofremos um julgamento ainda mais severo ao discursar, pois, sempre que discursamos, faz-se um julgamento a nosso respeito,⁷ e não se julga que o ator que alguma vez cometeu um erro de gesticulação não sabia gesticular, mas o orador cujo discurso sofreu alguma censura ganha a reputação perene, ou ao menos duradoura, de obtuso. 126. Quanto à sua observação de que há inúmeras aptidões que, se o orador não apresentar por natureza, não terá grande ajuda de um professor,⁸ concordo plenamente com você e, nesse aspecto, dava minha total aprovação àquele grande mestre, Apolônio de Alabanda,⁹ que, embora ensinasse mediante pagamento, não permitia que perdessem tempo em sua escola aqueles que julgasse incapazes de se tornar oradores, dispensava-os e costumava impelir e exortar cada um deles à arte a que julgava apto.

[127] satis est enim in ceteris artificiis percipiendis tantummodo similem esse hominis et id quod tradatur uel etiam inculcetur, si quis forte sit tardior, posse percipere animo et memoria custodire. non quaeritur mobilitas linguae, non celeritas uerborum, non denique ea quae nobis non possumus fingere: facies, uultus, sonus. [128] in oratore autem acumen dialecticorum, sententiae philosophorum, uerba prope <iam> poetarum, memoria iuris consultorum, uox tragoedorum, gestus paene summorum actorum est requirendus. quam ob rem nihil in hominum genere rarius perfecto oratore inueniri potest. quae enim, singularum rerum artifices singula si mediocriter adepti sunt, probantur, ea nisi omnia summa sunt in oratore, probari non possunt.

[129] Tum Crassus “atqui uide” inquit “in artificio perquam tenui et leui quanto plus adhibeatur diligentiae quam in hac re, is quam constat esse maximam. saepe enim soleo audire Roscium, cum ita dicat se adhuc reperire discipulum, quem quidem probaret, potuisse neminem, non quo non essent quidam probabiles, sed quia, si aliquid modo esset uitii, id ferre ipse non posset. nihil est enim tam insigne nec tam ad diuturnitatem memoriae stabile quam id in quo aliquid offenderis. [130] itaque ut ad hanc similitudinem huius histrionis oratoriam laudem dirigamus, uidetisne quam nihil ab eo nisi perfecte, nihil nisi cum summa uenustate fiat, nisi ita ut deceat et uti omnis moueat atque delectet? itaque hoc iam diu est consecutus, ut in quo quisque artificio excelleret, is in suo genere Roscius diceretur. hanc ego absolutionem perfectionemque in oratore desiderans, a qua ipse longe absum facio impudenter; mihi enim uolo ignosci, ceteris ipse non ignosco. nam qui non potest, qui uitiose facit, quem denique non decet, hunc, ut Apollonius iubebat, ad id quod facere possit detrudendum puto.

127. Na verdade, para a compreensão das demais profissões, basta apenas ser como uma pessoa normal e poder guardar na mente e confiar à memória o que é ensinado ou mesmo inculcado, mesmo que se trate de alguém mais obtuso. Não se busca a agilidade da língua, nem a destreza com as palavras, nem, enfim, aquilo que não podemos moldar para nós mesmos: a fisionomia, a expressão, a voz.¹⁰ 128. Já no orador, é preciso exigir a agudeza dos dialéticos, os pensamentos dos filósofos, as palavras, praticamente, dos poetas, a memória dos juristas, a voz dos atores trágicos, como que os gestos dos grandes atores. Por essa razão, não é possível encontrar nada mais raro, no gênero humano, do que um orador perfeito.¹¹ De fato, se os representantes das demais artes alcançaram em alguma medida cada um desses elementos, são aprovados. Porém, a não ser que todos esses elementos estejam presentes no mais alto grau no orador, os oradores não podem ser aprovados.

129. Disse então Crasso:

– E, no entanto, repare como se toma muito mais cuidado numa atividade tão insignificante e frívola¹² do que nesta nossa, que é de suma importância, como é sabido. Ora, costume frequentar as audições de Róscio, e ele diz que ainda não conseguiu encontrar um único discípulo que realmente aprovasse, não por não haver alguns dignos de aprovação, mas por não ser capaz de suportar quando há um erro que seja. É que nada é tão visível ou tão firme e duradouro na memória quanto aquilo que, de algum modo, nos desagrada. 130. Sendo assim, para conformar a excelência oratória à comparação com esse ator, percebem como o orador nada faz senão com perfeição, nada senão com extrema beleza, nada senão de modo a ser adequado, comover e deleitar a todos? Assim, já há muito conseguiu fazer que todo aquele que fosse excelente em determinada profissão fosse considerado um Róscio em sua categoria. Ao desejar tal acabamento e perfeição no orador, algo de que eu mesmo estou muito distante, ajo com impudência, pois pretendo que me perdoem, enquanto eu mesmo não perdoos outros. Realmente, creio que aquele que não tem capacidade, que comete erros, que, enfim, não é decoroso, deve, como recomendava Apolônio, ser impelido a fazer aquilo de que é capaz.

[XXIX] [131] “Num tu igitur” inquit Sulpicius “me aut hunc Cottam ius ciuile aut rem militarem iubes discere? nam quis ad ista summa atque in omni genere perfecta potest peruenire?”

Tum ille “ego uero” inquit “quod in uobis egregiam quandam ac praeclaram indolem ad dicendum esse cognoui, idcirco haec exposui omnia, nec magis ad eos deterrendos qui non possent, quam ad uos qui possetis exacuendos accommodaui orationem meam; et quamquam in utroque uestrum summum esse ingenium studiumque perspexi, tamen haec quae sunt in specie posita, de quibus plura fortasse dixi quam solent Graeci dicere, in te, Sulpici, diuina sunt. [132] ego enim neminem nec motu corporis neque ipso habitu atque forma aptiorem nec uoce pleniorum aut suauiorum mihi uideor audisse; quae quibus a natura minora data sunt, tamen [qui] illud adsequi possunt, ut iis quae habent modice et scienter utantur et ut ne dedeant. id enim est maxime uitandum et de hoc uno minime est facile praecipere non mihi modo, qui sicut unus pater familias his de rebus loquor, sed etiam ipsi illi Roscio, quem saepe audio dicere caput esse artis decere, quod tamen unum id esse quod tradi arte non possit. [133] sed si placet sermonem alio transferamus et nostro more aliquando, non rhetorico, loquamur”.

“Minime uero” inquit Cotta “nunc enim te iam exoremus necesse est, quoniam retines nos in hoc studio nec ad aliam dimittis artem, ut nobis explices, quicquid est istud, quod tu in dicendo potes – neque enim sumus nimis auidi; ista tua mediocri eloquentia contenti sumus – idque ex te quaerimus (ut ne plus nos adsequamur quam quantum tu in dicendo adsecutus es) quoniam, quae a natura expetenda sunt, ea dicis non nimis deesse nobis, quid praeterea esse adsumendum putes?”

131. – Você está então recomendando, Crasso – perguntou Sulpício –, que eu ou Cota aqui presente estudemos o direito civil ou a arte militar? Pois quem pode alcançar esse nível de elevação e perfeição em todos os aspectos?

Respondeu ele, então:

– No que me concerne, foi justamente por perceber que há em vocês uma índole tão brilhante e notável para discursar que lhes expus todas essas questões,¹³ e não foi tanto para dissuadir aqueles que não são capazes que acomodei meu discurso quanto para estimular vocês, que o são. E embora tenha percebido haver em vocês dois extremo talento e dedicação, aquelas características que concernem ao aspecto exterior, de que talvez tenha falado mais do que os gregos costumam fazer, são divinas¹⁴ em você, Sulpício. 132. Quanto a mim, creio nunca ter ouvido alguém mais apto no que diz respeito à gesticulação, à própria postura e à aparência, ou de voz mais sonora e agradável.¹⁵ Mesmo aqueles a quem tais aptidões foram concedidas em menor proporção pela natureza, podem conseguir fazer uso das que têm de maneira razoável, judiciosa e que não seja inadequada. Pois é isso que se deve acima de tudo evitar, e oferecer preceitos acerca dessa questão em particular não é nada fácil para mim, que estou falando de tais questões como um chefe de família,¹⁶ nem para o próprio Róscio: não raro o ouço dizer que o ponto principal da arte é a adequação, embora esse seja o único ponto que não possa ser ensinado pela arte.¹⁷ 133. Porém, se não se importam, passemos a outro assunto e falemos enfim à nossa maneira, e não como os rétores.

– De modo algum – replicou Cota –, pois agora, já que você nos mantém nesta aspiração e não nos manda a outra atividade, precisamos lhe pedir que nos explique aquilo de que é capaz ao discursar, seja o que for – nem somos tão ambiciosos: ficamos satisfeitos com essa sua modesta eloquência –, e perguntamos a você (não vamos nós alcançar mais do que o pouco que você alcançou ao discursar): uma vez que afirma que não nos falta muito do que se deve buscar na natureza, o que mais julga você que devemos adquirir?

[XXX] [134] Tum Crassus adridens “quid censes”, inquit, “Cotta, nisi studium et ardorem quendam amoris? sine quo cum in uita nihil quisquam egregium, tum certe hoc, quod tu expetis nemo umquam adsequetur. neque uero uos ad eam rem uideo esse adhortandos, quos, cum mihi quoque sitis molesti, nimis etiam flagrare intellego cupiditate. [135] sed profecto studia nihil prosunt perueniendi aliquo, nisi illud, quod eo quo intendas ferat deducatque, cognoris. quare quoniam mihi leuius quoddam onus imponitis neque ex me de oratoris arte sed de hac mea, quantulacumque est, facultate quaeritis, exponam uobis non quandam aut perreconditam aut ualde difficilem aut magnificam aut grauem rationem consuetudinis meae, qua quondam solitus sum uti, cum mihi in isto studio uersari adulescenti licebat”. [136] tum Sulpicius “o diem, Cotta, nobis” inquit “optatum! quod enim neque precibus umquam nec insidiando nec speculando adsequi potui, ut quid Crassus ageret meditandi aut dicendi causa, non modo uidere mihi, sed ex eius scriptore et lectore Diphilo suspicari liceret, id spero nos esse adeptos omniaque iam ex ipso, quae diu cupimus, cognituros”.

[XXXI] [137] Tum Crassus “atqui arbitror, Sulpici, cum audieris, non tam te haec admiraturum quae dixero, quam existimaturum tum, cum ea audire cupiebas, causam cur cuperes non fuisse. nihil enim dicam reconditum, nihil exspectatione uestra dignum, nihil aut inauditum uobis aut cuiquam nouum. nam principio, illud quod est homine ingenuo liberaliterque educato dignum, non negabo me ista omnium communia et contrita praecepta didicisse: [138] primum oratoris officium esse dicere ad persuadendum accommodate; deinde esse omnem orationem aut de infinitae rei quaestione, sine designatione personarum et temporum, aut de re certis in personis ac temporibus locata; [139] in utraque autem re quicquid in controuersiam ueniat, in eo quaeri solere aut factumne sit aut, si est factum, quale sit aut etiam quo nomine uocetur aut, quod nonnulli addunt, rectene factum esse uideatur;

134. Respondeu então Crasso, sorrindo:¹⁸

– O que pensa que seja, Cota, senão dedicação e uma espécie de paixão amorosa? Sem ela, tanto na vida como, seguramente, nesse objetivo que você busca, ninguém jamais conseguirá algo extraordinário. E, na verdade, vejo que não preciso exortá-los a tal, pois percebo que, para chegar ao ponto de importunar até a mim, vocês ardem de ambição até demais! 135. Mas, com certeza, de nada servem os esforços para chegar a algum lugar, se você não conhece o que leva e conduz ao objetivo que almeja. Por isso, já que me atribuem um encargo particularmente leve, e não me perguntam acerca da arte do orador, mas desta minha capacidade, por menor que seja,¹⁹ exporei a vocês os princípios nada misteriosos, nem muito difíceis, extraordinários ou profundos de minha prática,²⁰ de que costumava me servir quando me era permitido, ainda jovem, dedicar-me a essa ocupação.

136. Exultou então Sulpício: – Que dia tão esperado por nós, Cota! Aquilo que não fui capaz de conseguir com minhas súplicas, fosse espreitando, fosse espionando – isto é, que me fosse possível, se não observar por mim mesmo o que Crasso fazia para se preparar ou para discursar, ao menos fazer alguma dedução baseado em Dífilo, seu secretário e leitor –,²¹ espero que tenhamos conseguido, e que venhamos a saber agora por ele mesmo o que durante muito tempo quisemos saber.

137. Respondeu então Crasso:

– E, no entanto, Sulpício, creio que, depois de me ouvir, você não admirará tanto o que vou dizer, quanto considerará que, quando desejava ouvi-lo, não havia motivo para tal. De fato, nada direi de obscuro, nada digno da expectativa de vocês, nada que não conheçam ou que seja novidade para alguém. De fato, não negarei que, no princípio, tal como é digno de um homem livre de nascimento e instruído nas artes liberais, aprendi esses preceitos comuns a todos e banais:²² 138. o primeiro dever do orador é discursar de maneira adequada a persuadir;²³ em seguida, todo discurso diz respeito a uma questão de tema indefinido, sem especificação de pessoas ou circunstâncias, ou de tema restrito a pessoas e circunstâncias determinadas;²⁴ 139. em um e outro caso, costuma-se investigar, qualquer que seja o tema que entre em discussão, se o fato aconteceu, ou, caso tenha acontecido, de que tipo é, ou ainda que denominação recebe, ou, como acrescentam alguns, se parece ter acontecido de maneira justificada ou não;²⁵

[140] *existere autem controuersias etiam ex scripti interpretatione, in quo aut ambigue quid sit scriptum aut contrarie aut ita ut a sententia scriptura dissentiat; his autem omnibus partibus subiecta quaedam esse argumenta propria. [141] sed causarum, quae sint a communi quaestione seiunctae, partim in iudiciis uersari, partim in deliberationibus; esse etiam genus tertium, quod in laudandis aut uituperandis hominibus poneretur; certosque esse locos quibus in iudiciis uteremur, in quibus aequitas quaereretur; alios in deliberationibus, quae omnes ad utilitatem dirigerentur eorum quibus consilium daremus; alios item in laudationibus, in quibus ad personarum dignitatem omnia referrentur. [142] cumque esset omnis oratoris uis ac facultas in quinque partis distributa, ut deberet reperire primum quid diceret, deinde inuenta non solum ordine, sed etiam momento quodam atque iudicio dispensare atque componere; tum ea denique uestire atque ornare oratione; post memoria saepire; ad extremum agere cum dignitate ac uenustate, [143] etiam illa cognoram et acceperam, ante quam de re diceremus, initio conciliandos eorum esse animos qui audirent; deinde rem demonstrandam; postea controuersiam constituendam, tum id quod nos intenderemus confirmandum, post quae contra dicerentur refellenda, extrema autem oratione ea quae pro nobis essent amplificanda et augenda, quaeque essent pro aduersariis infirmanda atque frangenda.*

[XXXII] [144] *audieram etiam quae de orationis ipsius ornamentis traderentur: in qua praecipitur primum ut pure et Latine loquamur, deinde ut plane et dilucide, tum ut ornate, post ad rerum dignitatem apte et quasi decore; singularumque rerum praecepta cognoram. [145] quin etiam, quae maxime propria essent naturae, tamen his ipsis artem adhiberi uideram. nam de actione et de memoria quaedam breuia, sed magna cum exercitatione praecepta gustaram. in his enim fere rebus omnis istorum artificum doctrina uersatur, quam ego si nihil dicam adiuuare, mentiar; habet enim quaedam quasi ad commonendum oratorem, quo quidque referat et quo intuens ab eo, quodcumque sibi proposuerit, minus aberret.*

140. há controvérsias baseadas também na interpretação do texto, em que algo foi escrito de modo ambíguo, contraditório ou de tal maneira que a escrita difere da intenção; há certos argumentos próprios subordinados a cada uma dessas partes.²⁶ 141. Ora, quanto às causas que são distintas da questão geral, em parte dizem respeito aos julgamentos, em parte, às deliberações; há ainda um terceiro gênero, que consiste nos louvores ou nos vitupérios das pessoas;²⁷ há certos lugares-comuns que empregamos nos julgamentos, nos quais se busca a equidade; outros, nas deliberações, que são inteiramente voltados ao proveito daqueles a quem aconselhamos; outros, ainda, nos louvores, em que tudo diz respeito ao prestígio das pessoas. 142. E uma vez que se dividiu todo o poder e faculdade do orador em cinco partes – dever, em primeiro lugar, encontrar o que dizer; em seguida, arranjar e dispor o que se encontrou não apenas segundo uma ordem, mas também com discernimento, segundo sua importância; então, enfim, vesti-lo e orná-lo com o discurso; depois, guardá-lo na memória; por último, atuar com dignidade e graça –,²⁸ 143. ficara sabendo e aprendera também o seguinte: antes de entrarmos no assunto, é preciso, inicialmente, cativar os ânimos dos ouvintes;²⁹ em seguida, descrever o caso;³⁰ depois, estabelecer a controvérsia;³¹ então, provar aquilo que pretendemos;³² em seguida, refutar o que se afirma em contrário³³ e, no fim do discurso, amplificar e aumentar os elementos a nosso favor e debilitar e enfraquecer os favoráveis ao oponente.³⁴

144. Eu ouvira também o que se ensina acerca dos ornamentos do discurso propriamente dito: em primeiro lugar, preceitua-se que, no discurso, falemos de maneira pura e correta;³⁵ em seguida, de modo claro e límpido;³⁶ então, ornadamente;³⁷ depois, de maneira adequada à dignidade dos temas e, por assim dizer, decorosa;³⁸ e tomara conhecimento dos preceitos de cada um desses tópicos. 145. Além disso, notara que se emprega a arte mesmo nos aspectos que são mais próprios da natureza. De fato, eu tomara contato com alguns preceitos acerca da atuação e da memória – breves, mas acompanhados de muita prática.³⁹ Toda a doutrina desses mestres ocupa-se quase sempre dessas questões; se disser que ela não ajuda em nada, estarei mentindo.⁴⁰ É que apresenta certos elementos que servem, por assim dizer, de lembrete ao orador, para que a ele possa referir cada ponto e, observando-o, não se afaste do que quer que tenha estabelecido como meta.⁴¹

[146] uerum ego hanc uim intellego esse in praeceptis omnibus, non ut ea secuti oratores eloquentiae laudem sint adepti, sed quae sua sponte homines eloquentes facerent, ea quosdam obseruasse atque digessisse. sic esse non eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum; quod tamen, ut ante dixi, non eicio; est enim, etiam si minus necessarium ad bene dicendum, tamen ad cognoscendum non inliberale, [147] etiam exercitatio quaedam suscipienda uobis est – quamquam uos quidem iam pridem estis in cursu, – sed iis qui ingrediuntur in stadium quique ea, quae agenda sunt in foro tamquam in acie, possunt etiam nunc exercitatione quasi ludicra praediscere ac meditari”.

[148] “Hanc ipsam” inquit Sulpicius “nosse uolumus. ac tamen ista, quae abs te breuiter de arte decursa sunt, audire cupimus, quamquam sunt nobis quoque non inaudita. uerum illa mox: nunc de ipsa exercitatione quid sentias quaerimus”.

[XXXIII] [149] “Equidem probo ista” Crassus inquit “quae uos facere soletis, ut causa aliqua posita consimili causarum earum quae in forum deferuntur, dicatis quam maxime ad ueritatem accommodate. sed plerique in hoc uocem modo, neque eam scienter, et uires exercent suas et linguae celeritatem incitant uerborumque frequentia delectantur. in quo fallit eos quod audierunt, dicendo homines ut dicant, efficere solere. [150] uere enim etiam illud dicitur, peruerse dicere homines peruerse dicendo facillime consequi. quam ob rem in istis ipsis exercitationibus etsi utile est etiam subito saepe dicere, tamen illud utilius, sumpto spatio ad cogitandum, paratius atque accuratius dicere. caput autem est quod ut uere dicam minime facimus – est enim magni laboris, quem plerique fugimus – quam plurimum scribere. <stilus est> optimus et praestantissimus dicendi effector ac magister; neque iniuria: nam si subitam et fortuitam orationem commentatio et cogitatio facile uincit, hanc ipsam profecto adsidua ac diligens scriptura superabit.

146. Porém, creio que há, em todos esses preceitos, o seguinte sentido: não é que, seguindo-os, os oradores tenham alcançado a glória da eloquência,⁴² mas sim que certas pessoas observaram e classificaram o que os homens eloquentes fazem de maneira espontânea. Desse modo, não foi a eloquência que nasceu da teoria, mas a teoria que nasceu da eloquência. No entanto, como disse anteriormente, não a desprezo,⁴³ pois, embora não seja tão necessária para se discursar bem, não é indigna de ser conhecida por um homem livre. 147. Há também alguns exercícios que vocês devem praticar – ainda que já há muito tenham iniciado suas carreiras –, para não falar dos que estão ingressando nesta atividade e que podem, por meios desses exercícios recreativos,⁴⁴ por assim dizer, aprender de antemão e praticar o que devem fazer nessa espécie de campo de batalha do fórum.

148. – É exatamente isso – disse Sulpício – que queremos saber. No entanto, desejamos ouvir essas questões acerca da arte que você percorreu com brevidade, embora também a nós não sejam desconhecidas.⁴⁵ Mas deixemos isso para depois: agora queremos saber o que pensa acerca dos exercícios em si.

149. – No que me concerne – continuou Crasso –, eu aprovo esse exercício que vocês costumam fazer: uma vez proposta uma causa semelhante àquelas que são levadas ao fórum, discursam da maneira mais adequada possível à realidade. A maioria, porém, exercita apenas a voz nesses exercícios (e isso sem critério) e as próprias forças, estimulando a agilidade da língua e deleitando-se com a abundância das palavras. O que os faz cair em erro é terem ouvido dizer que, em geral, é discursando que se apreende a discursar.⁴⁶ 150. Na verdade, também se diz que, discursando mal, é muito fácil aprender a discursar mal. Por isso, embora muitas vezes também seja útil discursar de improviso nesses mesmos exercícios, mais útil ainda é separar algum tempo para refletir e discursar de maneira mais preparada e precisa.⁴⁷ O mais importante é aquilo que, a bem da verdade, menos fazemos, pois exige muito trabalho, o que a maioria de nós evita: escrever o máximo possível. A escrita é a melhor e mais importante realizadora e mestra do discurso.⁴⁸ E não é para menos: se a preparação e a reflexão superam facilmente o discurso improvisado e fortuito, é evidente que a escrita assídua e cuidadosa será superior a este.

[151] omnes enim, siue artis sunt loci siue ingeni cuiusdam ac prudentiae, qui modo insunt in ea re de qua scribimus, inquiringibus nobis omnique acie ingeni contemplantibus ostendunt se et occurrunt; omnesque sententiae uerbaque omnia quae sunt cuiusque generis <maxime propria> maxime inlustria, sub acumen stili subeant et succedant necesse est; tum ipsa conlocatio conformatioque uerborum perficitur in scribendo, non poetico, sed quodam oratorio numero et modo. [152] haec sunt, quae clamores et admirationes in bonis oratoribus efficiunt, neque ea quisquam, nisi diu multumque scriptitarit, etiam si uehementissime se in his subitis dictionibus exercuerit, consequetur. et qui a scribendi consuetudine ad dicendum uenit, hanc adfert facultatem, ut etiam subito si dicat, tamen illa quae dicantur similia scriptorum esse uideantur; atque etiam, si quando in dicendo scriptum attulerit aliquid, cum ab eo discesserit, reliqua similis oratio consequetur. [153] ut concitato nauigio cum remiges inhibuerunt, retinet tamen ipsa nauis motum et cursum suum intermisso impetu pulsuque remorum, sic in oratione perpetua, cum scripta deficiunt, parem tamen obtinet oratio reliqua cursum scriptorum similitudine et ui concitata.

[XXXIV] [154] in cotidianis autem commentationibus equidem mihi adulescentulus proponere solebam illam exercitationem maxime, qua C. Carbonem nostrum illum inimicum solitum esse uti sciebam, ut aut uersibus propositis quam maxime grauibus aut oratione aliqua lecta ad eum finem quem memoria possem comprehendere, eam rem ipsam quam legissem uerbis aliis quam maxime possem lectis pronuntiare. sed post animaduerti hoc esse in hoc uiti, quod ea uerba, quae maxime cuiusque rei propria quaeque essent ornatissima atque optima occupasset aut Ennius, si ad eius uersus me exercerem, aut Gracchus si eius orationem mihi forte proposuissent: ita, si isdem uerbis uterer nihil prodesse, si aliis etiam obesse, cum minus idoneis uti consuescerem.

151. Pois todos os lugares-comuns, provenham eles de uma arte ou de uma espécie de habilidade natural e experiência,⁴⁹ desde que inerentes ao assunto sobre o qual escrevemos, revelam-se e ocorrem a nós quando os investigamos e contemplamos com toda a agudeza de nossa inteligência. É forçoso que todos os pensamentos e todas as palavras mais adequadas a cada situação, bem como as mais distintas, surjam e sucedam-se sob a ponta do estilo.⁵⁰ Além disso, quando se escreve, a própria disposição e o arranjo das palavras são realizados segundo um ritmo e cadência próprios da oratória, não da poesia.⁵¹ 152. Esses são os elementos que provocam os clamores e a admiração pelos bons oradores, e ninguém os alcançará se não se dedicar à escrita com assiduidade e durante muito tempo, ainda que se exercite intensamente nessas falas improvisadas. Além disso, aquele que passa do hábito de escrever à prática do discurso traz consigo tal capacidade que, mesmo discursando de improviso, o que fala parece semelhante ao que escreve. Além disso, se alguma vez, ao discursar, trazer uma parte escrita, tão logo acabe de proferi-la, o restante do discurso seguirá de maneira semelhante.⁵² 153. Tal como, quando os remadores param de remar numa embarcação em alta velocidade, o próprio navio retém o movimento e seu curso mesmo depois de cessados o impulso e o movimento dos remos, também no caso de um discurso contínuo, mesmo quando termina a parte escrita, o restante do discurso conserva o mesmo rumo em virtude da semelhança com a parte escrita e da energia nela empregada.

154. No meu caso, quando jovem, costumava, em minhas preparações diárias, propor a mim mesmo sobretudo aquele exercício que sabia ser costumeiramente utilizado por Gaio Carbão, meu famoso inimigo:⁵³ depois de propor-me os versos mais elevados ou a leitura de algum discurso até o limite em que podia abarcá-los em minha memória, pronunciar exatamente o mesmo assunto lido com as palavras mais diversas possível daquelas que lera. No entanto, percebi, posteriormente, que havia um problema nesse exercício: as palavras mais apropriadas a cada coisa, assim como as mais distintas e as melhores, já haviam sido empregadas por Ênio, se me exercitava em seus versos, ou por Graco, se acaso me tivesse proposto algum discurso seu. Dessa forma, se empregasse as mesmas palavras, de nada me valeria; se usasse outras, isso seria até prejudicial, já que me acostumaria a usar as menos apropriadas.

[155] postea mihi placuit eoque sum usus adulescens, ut summorum oratorum Graecas orationes explicarem. quibus lectis hoc adsequer, ut cum ea quae legeram Graece, Latine redderem, non solum optimis uerbis uter et tamen usitatis, sed etiam exprimerem quaedam uerba imitando, quae noua nostris essent, dum modo essent idonea. [156] iam uocis et spiritus et totius corporis et ipsius linguae motus et exercitationes non tam artis indigent quam laboris; quibus in rebus habenda est ratio diligenter, quos imitemur, quorum similes uelimus esse. intuendi nobis sunt non solum oratores, sed etiam actores, ne mala consuetudine ad aliquam deformitatem prauitatemque ueniamus. [157] exercenda est etiam memoria ediscendis ad uerbum quam plurimis et nostris scriptis et alienis. atque in ea exercitatione non sane mihi displicet adhibere, si consueris, etiam istam locorum simulacrorumque rationem, quae in arte traditur. educenda deinde dictio est ex hac domestica exercitatione et umbratili medium in agmen, in puluerem, in clamorem, in castra atque in aciem forensem, subeundus uisus hominum et periclitandae uires ingenii, et illa commentatio inclusa in ueritatis lucem proferenda est. [158] legendi etiam poetae, cognoscendae historiae, omnium bonarum artium doctores atque scriptores et legendi et peruolutandi et exercitationis causa laudandi, interpretandi, corrigendi, uituperandi, refellendi; disputandumque de omni re in contrarias partis et quicquid erit in quaque re, quod probabile uideri possit, eliciendum atque dicendum. [159] perdiscendum ius ciuile, cognoscendae leges, percipienda omnis antiquitas, senatoria consuetudo, disciplina rei p(ublicae), iura sociorum, foedera, pactiones, causa imperi cognoscenda est; libandus est etiam ex omni genere urbanitatis facetiarum quidam lepos, quo tamquam sale perspergatur omnis oratio. effudi uobis omnia quae sentiebam; quae fortasse, quemcumque patrem familias adripissetis ex aliquo circulo, eadem uobis percontantibus respondisset”.

155. Posteriormente, decidi, e foi o que fiz já um pouco mais velho, parafrasear os discursos gregos dos maiores oradores. Depois de lê-los, conseguia, ao traduzir em latim o que lera em grego, não apenas empregar as melhores palavras, ainda que de uso comum, mas também, por imitação, forjar alguns termos novos para nossos conterrâneos, contanto que apropriados. 156. Já os movimentos e os exercícios de voz, de respiração, do corpo como um todo e da própria língua não carecem tanto de arte quanto de trabalho. Em tais aspectos, devemos ter extremo cuidado ao considerar aqueles que imitarmos, a quem desejamos nos assemelhar. Devemos observar não apenas os oradores, mas também os atores, para não passarmos a ter alguma deformidade ou defeito em virtude de algum mau hábito. 157. Devemos exercitar também nossa memória, aprendendo de cor o maior número de escritos possível, tanto os nossos como os dos outros. E nesse exercício não me desagrade nem um pouco empregar, se temos o costume, também aquele método dos lugares e das imagens que é ensinado na arte.⁵⁴ É preciso, em seguida, transferir esse método oratório de tais exercícios domésticos e recônditos para o meio das fileiras, para a poeira, para o alarido, para os acampamentos e para o combate do fórum, expor-se à visão de todos, pôr à prova as forças do engenho e levar aquela preparação privada para a luz da realidade. 158. É preciso ler também os poetas, conhecer as obras dos historiadores, ler e consultar com assiduidade os mestres e escritores de todas as artes liberais, bem como citá-los, interpretá-los, corrigi-los, criticá-los, refutá-los como exercício. Acerca de qualquer tema, é preciso discutir os dois lados da questão, bem como extrair e mencionar, de cada tema, qualquer elemento que possa parecer plausível. 159. É preciso aprender a fundo o direito civil, conhecer as leis, estudar toda a história antiga; conhecer a praxe senatorial, a organização da República, os juramentos dos aliados, os tratados, os pactos, os interesses do Império. É preciso ainda extrair de todo tipo de urbanidade uma espécie de graça espirituosa, para espalhá-la, como sal, sobre todo o discurso. Revelei-lhes tudo o que pensava; o mesmo, talvez, que responderia qualquer chefe de família se vocês o questionassem, depois de retirá-lo de alguma reunião.⁵⁵

Notas

¹ O tradutor agradece Marlene Lessa Vergílio Borges, pela usual colaboração e revisão cuidadosa da tradução, e o árbitro anônimo de *Nuntius Antiquus*, pelas valiosas sugestões de melhoria do texto e das notas.

² Empregamos a divisão de Leeman & Pinkster (1981).

³ A primeira parte desse tratamento (1.113-122) foi publicada recentemente em Scatolin (2015).

⁴ Texto de base para a tradução: Kumaniecki (1969). Todos os itálicos usados nas traduções citadas em nota são nossos; todas as datas são a.C.; todas as referências ao *De oratore* são feitas pela simples notação de livro e parágrafo; as demais seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary* e do *Greek-English Lexicon* de Liddell, Scott & Jones.

⁵ Em 1. 121: “De minha parte, costume não apenas notar em vocês, mas também experimentar eu mesmo, inúmeras vezes, palidez no começo do discurso e tremor por toda a alma e por todos os membros” (trad. A. Scatolin).

⁶ Célebre ator de fins do século II e começo do século I. Num processo de datação incerta (LINTOTT, 2008, p. 61 estima o ano de 72 como o mais provável, num intervalo possível de 72 a 68) e cujo texto chegou até nós de maneira fragmentária, a *Defesa* do ator Quinto Róscio, Cícero defendeu o ator numa causa civil a respeito de uma sociedade concernente aos ganhos financeiros sobre um ator escravo.

⁷ Ao contrário do que afirmara Aristóteles, em sua *Retórica* (1. 3 1358 b 2-6), para quem apenas no gênero epidítico o público faz um julgamento acerca do talento do orador, o Antônio ciceroniano faz a observação sagaz de que, juntamente com o julgamento do mérito da causa, feito pelos jurados, há também o julgamento das qualidades do orador, por parte do público.

⁸ Em 1. 114: “E, se houver alguém que considere que tais coisas podem ser adquiridas pela arte (o que não é verdade, pois já será algo admirável se tais coisas puderem ser estimuladas e impulsionadas pela arte; elas não podem, porém, ser implantadas ou concedidas pela arte, pois são, todas elas, dádivas da natureza), o que dizer daquelas que sem dúvida nascem com o próprio homem: a desenvoltura da fala, o timbre da voz, o fôlego, o vigor, certa conformação e aspecto da fisionomia em geral e do corpo?” (trad. A. Scatolin).

⁹ Rétor do século II (c. 160).

¹⁰ Eco das palavras de Crasso, em 1. 114 (citado acima). Note-se, ali, sobretudo o fim da fala do protagonista: “O que dizer daquelas que sem dúvida nascem com o próprio homem: a desenvoltura da fala, o timbre da voz, o fôlego, o vigor, certa conformação e aspecto da fisionomia em geral e do corpo?” (trad. A. Scatolin).

¹¹ Antônio espelha as palavras de Cícero, em 1. 16: “[...] Quem não se há de admirar, e com razão, pelo fato de encontrar-se, em todo o registro de gerações, épocas e cidades, tão exíguo número de oradores?” (trad. A. Scatolin).

¹² O teatro era tradicionalmente visto pela elite romana como uma profissão desprezível do ponto de vista social.

¹³ Cf. 1. 30: “Depois de começar observando que não lhe parecia necessário encorajar Sulpício e Cota, mas, antes, cobrir os dois de elogios por já terem atingido tamanha habilidade, conseguindo não apenas estar à frente dos jovens de sua idade, mas ser mesmo comparados aos mais velhos, Crasso disse [...]” (trad. A. Scatolin).

¹⁴ Para uma interpretação do léxico do divino no *De oratore* e sua aplicação às personagens, leia-se o excelente artigo de Stull (2011).

¹⁵ Caracterização próxima da que Cícero oferecerá de Sulpício em *Brut.* 203: “Fuit enim Sulpicius omnium uel maxime, quos quidem ego audiuerim, grandis et, ut ita dicam, tragicus orator. Vox cum magna tum suavis et splendida; gestus et motus corporis ita uenustus, ut tamen ad forum, non ad scaenam institutus uideretur; incitata et uolubilis nec ea redundans tamen nec circumfluens oratio” [“Sulpício era o orador mais grandioso e, por assim dizer, trágico de todos— pelo menos dos que eu pude ouvir. Sua voz era forte e, ao mesmo tempo, agradável e límpida; seus gestos e movimentos corporais eram graciosos, mas apenas a ponto de parecerem empregados no fórum, não no teatro; sua fala era impetuosa e fluente, embora nem excessiva nem carregada”. (trad. A. Scatolin)].

¹⁶ Decorosamente, Crasso procura afastar-se da maneira de falar dos rétores (cf. 1. 133), preferindo identificar-se, antes, com a figura do paterfamilias. O personagem adotará estratégia idêntica em 1. 159.

¹⁷ Em *Or.* 70, o próprio Cícero observará: “Vt enim in uita sic in oratione nihil est difficilius quam quid deceat uidere” [“De fato, tal como na vida, também no discurso não há nada mais difícil de enxergar do que o que convém”. (trad. A. Scatolin)].

¹⁸ À brincadeira gentil e elogiosa de Cota, marca de *urbanitas* e *humanitas*, Crasso responde com a elegância apropriada de um simples sorriso.

¹⁹ A *dissimulatio scientiae* é característica que Crasso e Antônio compartilham com Sócrates. Cf. Zoll (1962, p. 114 et seq.); Leeman & Pinkster (1981, p. 80-84); Hall (1994, p. 214), e o prólogo do livro 2, particularmente a síntese da questão feita por Cícero em 2. 4: “Ora, as coisas se passavam para os dois da seguinte forma: Crasso desejava não tanto que julgassem que não estudara, quanto que desprezava tais estudos, colocando acima dos gregos a prudência de nossos conterrâneos em todo tipo de assunto; Antônio, por outro lado, considerava que seu discurso resultaria mais aceitável a este nosso povo se pensassem que não tinha absolutamente nenhuma instrução. Assim, ambos aparentariam maior seriedade se um parecesse desprezar, e o outro, sequer conhecer os gregos”.

²⁰ Conforme Cícero observara no prólogo, em 1. 23, a ênfase do diálogo recairia antes sobre a experiência dos protagonistas do que sobre a doutrina dos manuais de retórica: “Não é que eu despreze o que os mestres e professores de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todos, não podendo, por meio de minha tradução, ser explicados com maior ornato ou expressos com maior clareza, acredito que me concederás a licença, meu irmão, de colocar acima dos gregos a autoridade daqueles a quem nossos conterrâneos concederam a suprema excelência na oratória”. (trad. A. Scatolin).

²¹ Dífilo, supõe-se, teria sido escravo ou liberto de Crasso. A observação de Sulpício complementa o que o próprio personagem dissera em 1. 97: “Na verdade, mesmo eu, que me inflamara de apreço por vocês dois desde bem jovem – e por Crasso, mesmo de devoção, uma vez que não me afastava dele em ocasião alguma – jamais consegui arrancar dele uma única palavra acerca da natureza e dos princípios da oratória, embora eu mesmo o tivesse instigado e não raro tivesse tentado que Druso o conseguisse. Nesse sentido, você, Antônio – direi a verdade –, nunca deixou de me ajudar quando o interrogava ou questionava, e inúmeras vezes me ensinou os princípios a que costumava se ater ao discursar” (trad. A. Scatolin). Cf. também a fala do mesmo Sulpício em 1. 148 e nota *ad locum*.

²² Os preceitos dos rétores, de que temos exemplo na *Retórica a Herênio* e no *Da invenção*.

²³ Cf. Cícero, *Inu.* 1. 6: “Officium autem eius facultatis [sc. oratoriae] uidetur esse dicere adposite ad persuasionem; finis persuadere dictione” [“O ofício dessa faculdade [sc. oratória] parece ser discursar de maneira adequada à persuasão; seu fim, persuadir pela fala”]. (trad. A. Scatolin); *Rhet. Her.* 1. 2: “Oratoris officium est de iis rebus posse dicere, quae res ad usum ciuilem moribus ac legibus constitutae sunt, cum assensione auditorum, quoad eius rei fieri poterit [“O ofício do orador é ser capaz de discursar sobre as questões que foram estabelecidas pela praxe e pelas leis para o uso dos cidadãos, com o assentimento dos ouvintes, na medida do possível”]. (trad. A. Scatolin)].

²⁴ Trata-se da doutrina das *théseis* e *hypothéseis* (*quaestio* e *causa* na tradução ciceroniana), de provável origem hermagórica.

²⁵ Referência à doutrina das *stáseis*, traduzidas em latim primeiramente por *constitutiones* e, depois, por *status quaestionis*. Seu primeiro sistematizador também teria sido Hermágoras. Os *status* em questão aqui são o conjectural (“se o fato aconteceu”), o qualitativo (“de que tipo é”), o genérico (“que denominação recebe”) e o legal (“se parece ter acontecido de maneira justificada ou não”).

²⁶ Trata-se dos *loci communes* (“lugares-comuns”), no jargão técnico.

²⁷ Crasso evita os termos mais técnicos e abstratos para se referir ao gênero judicial (“julgamentos”), ao deliberativo (“deliberações”) e demonstrativo (“louvores ou vitupérios”), empregando, antes, os termos mais concretos que denotam as ações envolvidas em cada gênero.

²⁸ Crasso tem em mente a tradicional divisão das partes da retórica, aqui referidas como partes do “poder e faculdade do orador”: respectivamente, invenção, disposição, elocução, memória e atuação.

²⁹ Crasso trata agora das partes do discurso, começando pelo exórdio, a que alude por uma de suas funções, conhecida tradicionalmente como *captatio beneuolentiae* [“captação da benevolência”].

³⁰ Na *descriptio* (“descrição”) ou *propositio* (“exposição”).

³¹ Na *diuisio* (“divisão”) ou *partitio* (“partição”).

³² Na *confirmatio* (“confirmação”) ou *probatio* (“comprovação”).

³³ Na *refutatio* (“refutação”).

³⁴ Na *peroratio* (“peroração”).

³⁵ Crasso passa agora à doutrina das virtudes do discurso. A primeira é chamada de *hellenismós* (“bom grego”, “grego correto”, “correção gramatical”) na tradição grega e *Latinitas* (“bom latim”, “latim correto”, “correção gramatical”) na latina.

³⁶ *Perpicuitas* (“clareza”) no jargão técnico.

³⁷ *Ornatus* (“ornato”) no jargão técnico.

³⁸ *Aptum* (“adequado”) ou *decorum* (“decoro”) no jargão técnico.

³⁹ Um exemplo supérstite do treino da memória encontra-se em *Rhet. Her.* 3. 28-40.

⁴⁰ Posição semelhante à de Cícero, em 1. 23, citado acima (nota 17). Atente-se, ali, sobretudo à observação “Não é que eu despreze o que os mestres e professores de oratória gregos nos legaram [...]”.

⁴¹ Para Crasso, a doutrina retórica deve servir como mera baliza, referência para o orador guiar-se na prática das causas.

⁴² Uma vez mais ecoa pensamento semelhante ao de Cícero, em 1. 19: “Por essa razão, deixemos de nos perguntar com espanto o motivo da escassez de oradores eloquentes, uma vez que a eloquência é constituída de todos aqueles elementos em que já é bastante notável aperfeiçoar-se isoladamente, e exortemos antes nossos filhos e os demais cuja glória e prestígio nos são caros a tomarem consciência da grandeza da eloquência, e a não confiarem na possibilidade de atingir o que esperam por meio dos preceitos, mestres ou exercícios de que todos se servem, mas por meio de outros recursos”.

⁴³ Cf. 1. 145 e nota *ad locum*.

⁴⁴ Trata-se da prática posteriormente consagrada, em época imperial, como *declamatio* (“declamação”).

⁴⁵ O comentário de Sulpício ilustra bem a maneira como os personagens mais novos representam o leitor-alvo do *De oratore*: um público já iniciado na doutrina, conhecedor da teoria retórica básica encontrada nos manuais de retórica.

⁴⁶ Como se a mera prática, sem reflexão, bastasse para o aprendizado.

⁴⁷ De maneira análoga, Antônio, em 2. 99-103, apontará a reflexão cuidadosa sobre os vários aspectos da causa como o seu primeiro passo: “Então, para finalmente introduzir nas causas o orador que estamos formando, e sobretudo naquelas que demandam um pouco mais de esforço, os julgamentos e processos [...], preceituaremos a ele, primeiramente, que conheça de maneira cuidadosa e aprofundada qualquer causa que venha a tratar. Isso não é ensinado na escola, pois se confiam causas fáceis aos meninos: ‘Uma lei proíbe que um estrangeiro escale a muralha; ele escala, repele os inimigos, é acusado’. De nada vale conhecer uma causa desse tipo. Portanto, nada ensinam corretamente acerca do aprendizado de uma causa, [pois essa é quase sempre uma fórmula das causas na escola]. No fórum, porém, é preciso conhecer a fundo registros, testemunhos, acordos, convenções, estipulações, parentescos por consanguinidade, parentescos por afinidade, decretos, pareceres de juristas, a vida, enfim, daqueles que estão envolvidos na causa. [...] De minha parte, costumo esforçar-me para que cada um me informe, ele próprio, a respeito de seu caso, e para que ninguém mais esteja presente, a fim de que fale mais à vontade; costumo também defender a causa do adversário, de modo que o acusado defenda a sua e exponha abertamente o que refletiu a respeito de seu caso. Assim, quando ele se vai, assumo sozinho, com total imparcialidade, três papéis: o meu, o do adversário, o do juiz. Se um aspecto é de tal sorte que traga mais ajuda do que prejuízo, julgo que devo utilizá-lo em meu discurso; quando me deparo com mais desvantagem do que vantagem, rejeito-o e abandono-o totalmente. Dessa forma, consigo refletir sobre meu discurso em uma ocasião e discursar em outra, duas coisas que os de natureza mais apressada fazem ao mesmo tempo. Mas com certeza eles discursariam ainda melhor, se considerassem que devem eleger um momento para refletir, e outro, para discursar” (trad. A. Scatolin).

⁴⁸ A observação de Crasso reflete muito mais a prática de Cícero do que a sua própria, já que Crasso pouco publicara de seus discursos.

⁴⁹ Crasso insiste na indiferença do *status* da retórica como arte ou não.

⁵⁰ O *stilus* era uma espécie de estilete usado como instrumento de escrita sobre cera.

⁵¹ Cerca de dez anos depois da escrita do *De oratore*, Cícero publicaria o *Orator*, obra em grande parte dedicada à teoria do ritmo da prosa oratória.

⁵² Esse parece ter sido o costume de Cícero, que, segundo Quintiliano (11. 1. 30), escrevia muitas vezes apenas o prólogo ou parte deste antes de proferir um discurso, ficando a elaboração da versão escrita completa como um estágio posterior ao seu proferimento.

⁵³ Em 119, o jovem Crasso acusara Gaio Papírio Carbão, possivelmente segundo a *lex Acilia de repetundis* [“lei Acília de extorsão”]. Carbão foi condenado e, em consequência, suicidou-se. Trata-se do processo 30, na lista de Alexander (1990, p. 16), que elenca todos os passos do *De oratore* e dos demais textos antigos a ele concernentes.

⁵⁴ Exercício ensinado em *Rhet. Her.* 2. 30-39.

⁵⁵ Cf. 1. 132 e nota *ad locum*.

Referências

ALEXANDER, M. C. *Trials in the Late Roman Republic, 149 BC to 50 BC*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1990.

HALL, J. Persuasive Design in Cicero’s “De oratore”. *Phoenix*, Victoria, v. 48, n. 3, p. 210-225, Autumn 1994.

KUMANIECKI, K. F. (Ed.). *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia*: fasc. 3 – “De oratore”. Leipzig: Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.

LEEMAN, A. D.; PINKSTER, H. (Com.). *M. Tullius Cicero De oratore libri III–Kommentar*: Band 1. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1981.

LINTOTT, A. *Cicero as Evidence: a Historian’s Companion*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MAY, J. M.; WISSE, J. (Org.). *Cicero: on the Ideal orator*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2001.

SCATOLIN, A. Cícero. “Do orador” 1.78-122. *Translatio*, Porto Alegre, n. 10, p. 79-89, 2015.

STULL, W. “Deus ille noster”: Platonic Precedent and the Construction of the Interlocutors in Cicero’s “De oratore”. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 141, n. 2, p. 247-263, Autumn 2011.

ZOLL, G. *Cicero Platonis Aemulus*. Zürich: Juris-Verlag, 1962.